



A EXPERIÊNCIA FEMININA DE ESTUDANTES DE TEOLOGIA EM FACULDADES ADVENTISTAS NO BRASIL: MOTIVAÇÕES, PRIVILÉGIOS, DESAFIOS E APRENDIZAGENS

Karla A. C. Oliveira¹

RESUMO

No Brasil, como em outros países no mundo, a formação teológica para o ministério pastoral evangélico é uma atividade predominantemente masculina. No contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia, um escasso número de mulheres vem buscando ao longo dos anos adquirir formação bíblico-teológica em instituições de ensino superior adventistas. O propósito deste estudo qualitativo foi descrever a essência das experiências de oito estudantes do sexo feminino em faculdades adventistas de teologia no Brasil. O estudo revelou que a principal motivação para se cursar teologia foi a certeza do chamando de Deus para o serviço e não necessariamente para uma posição de liderança. Os privilégios reportados foram a concretização um sonho, a alegria da oportunidade, a valorização ser única entre os demais e a capacitação para servir e salvar. Com base nas entrevistas, os desafios reportados foram semelhantes aos apresentados por estudantes do sexo masculino, exceto no que se refere à jornada dupla e às observações e questionamentos de membros da comunidade acadêmica e religiosa quanto a uma mulher cursar teologia. Foram três as aprendizagens oriundas da experiência: a dependência total de Deus, a necessidade de se ter uma rede de apoio e saber utilizar cada experiência como uma oportunidade de crescimento e amadurecimento para si e para outros. Os resultados apontam que elementos socioculturais, contextuais e religiosos tendem a interferir nos comportamentos e nas interpretações do que acontece no cotidiano de mulheres enquanto seminaristas no ensino teológico adventista.

Palavras-chave: Experiência feminina; estudantes de teologia; ensino teológico adventista.

1. Pedagoga (UNASP), Psicopedagoga (UEPB), Ph.D. em Educação (AIIAS/UNIMEP). Docente nos cursos de graduação em Teologia e Pedagogia e Coordenadora do Grupo de Estudos Teologia e Educação (FAAMA). e-mail: karla.oliveira@faama.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Depois de excluídas de oportunidades educacionais por séculos, as mulheres da era contemporânea têm visto ampliada a sua participação e representatividade em diversos setores da sociedade (FERNANDES, 2019). Registros históricos sobre a inserção educacional da mulher mostram que avanços sociais, econômicos e culturais proporcionaram, mesmo que de forma lenta e tardia, a consolidação da prerrogativa feminina à instrução e à escolarização (SMATATTO, 2002; DOTTA; TOMAZONI, 2018).

Em 2019, um relatório apresentado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre a participação educacional ao redor do mundo, apontou que no Brasil as mulheres correspondem a maioria de estudantes inscritos no Ensino Superior. Uma análise atenta dos resultados do Censo da Educação Superior, sugere que tal ampliação da presença feminina tem acontecido, dentre outros fatores, devido ao crescimento do ensino privado e da modalidade EAD é de 72,2 %, (BRASIL, 2019). Todavia, essa representatividade ainda não é regular em todas as áreas do conhecimento e de formação profissional (DOTTA; TOMAZONI, 2018; FERNANDES, 2019).

No Brasil, como em outros países no mundo, a formação teológica para o ministério pastoral evangélico é uma atividade predominantemente masculina. No contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), um escasso número de mulheres vem buscando ao longo dos anos adquirir formação bíblico-teológica em Instituições de Ensino Superior Adventista. Estudos internacionais conduzidos com os públicos católico e evangélico sugerem que, a baixa representatividade de mulheres na educação teológica deve-se a elementos religiosos e socioculturais (FIEDLER, 2009; MILLER, 2013).

Considerando que a educação teológica para mulheres no Brasil é um fenômeno contemporâneo ainda pouco examinado na literatura; e que não foram encontrados estudos voltados à realidade de mulheres enquanto estudantes de teologia em instituições confessionais adventistas, o principal objetivo deste estudo foi descrever a essência das experiências de estudantes do sexo feminino em três faculdades adventistas de teologia no Brasil, considerando os aspectos acadêmicos, missiológicos e socioculturais.

Para a consolidação de tal propósito, as seguintes questões de pesquisa nortearam este estudo: Que motivos levaram essas mulheres a estudar teologia? Que privilégios ou ganhos foram percebidos por elas durante esse período? Que tipo de desafios foram enfrentados ao longo do curso e, o que essas estudantes aprenderam com tais experiências?

A preocupação com a temática foi motivada pelo interesse de se entender o que significa estudar em uma área de formação tradicionalmente voltada ao público masculino. E entender a perspectiva feminina em uma sala de aula de predominância masculina é especialmente relevante no sentido de: (1) ampliar a visão sobre os fatores e/ou agentes envolvidos na trajetória de mulheres em formação teológica; (2) levar a uma melhor compreensão das estratégias para lidar com os obstáculos e adversidades enfrentados por essas estudantes; (3) sugerir possíveis mudanças individuais e sociais necessárias ao apoio à mulheres em



situação semelhante e (4) servir como base inicial para o aprofundamento de estudos posteriores sobre a temática em questão.

Ao mesmo tempo, os resultados dessa pesquisa podem contribuir para a reelaboração de currículos e programas acadêmicos ajustados às necessidades peculiares desse grupo de estudantes. Finalmente, sem uma reflexão sobre as temáticas comuns envolvidas na experiência feminina em escolas de teologia, poderá ocorrer uma queda no estímulo às vocações ministeriais deste grupo, bem como, uma percepção limitada sobre a contribuição da mulher como participante na obra da Grande Comissão dada por Jesus em Mt 28,18-20 e Mc, 16,15 (Almeida Revista e Atualizada).

1 O PAPEL DA MULHER NA IASD

Por séculos sendo desprovidas de oportunidades educacionais e enfrentando barreiras socioculturais, as mulheres têm buscado cumprir sua importante função na sociedade, no lar e na vida religiosa (BERTOTTI, 2015). A despeito de certos costumes e tradições existentes no tempo de Jesus, mulheres foram também incluídas por Ele no grupo de discípulos. Tanto que, um expressivo número delas O apoiou em Seu ministério com ações assistenciais, evangélicas e monetárias que contribuíram para a proclamação do evangelho (WAHLEN; WAHLEN, 2015; VYHMEISTER, 1998).

Desde seu início, o movimento adventista considerou as mulheres como uma força colaborativa significativa para o avanço da obra através desempenho de funções de liderança no trabalho missionário nos lares, na edição e publicação de manuscritos, nas atividades das escolas sabatinas, na gestão de finanças eclesiais, nas missões evangélicas e no serviço médico e educacional (KORANTENG-PIPIIM, 2015; KNIGHT, 2015).

Um dos tópicos recorrentes nas discussões eclesiais adventistas refere-se ao papel e participação feminina, tanto na igreja, quanto na sociedade (BERTOTTI, 2015). E embora ao longo do tempo esforços tenham sido feitos para que os critérios de participação fossem por capacidade ao invés de gênero, a frequência de liderança feminina manteve-se continuamente escassa. Por volta dos anos 80, a liderança da organização sancionou a atuação de mulheres no ministério, mas de forma diferenciada com um chamado baseado na comissão e não na ordenação ao ministério pastoral evangélico. Em outras palavras, as mulheres receberiam credenciais missionárias enquanto os homens a licença ministerial. Dentro deste contexto, surge o Ministério da Mulher Adventista como uma oportunidade para o exercício de dons espirituais e serviço missionário voltado às mulheres de uma forma equilibrada e bíblicamente embasada. Frente a isso, o foco tornou-se mais evangélico, educacional e assistencial do que uma batalha por igualdade de gênero (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009; KNIGHT, 2015).

Segundo White (2008), Deus tem chamado a mulher cristã para uma obra diferenciada na proclamação do evangelho. Tal trabalho é amplo e desafiador exigindo dela amor, humildade, preparo, dedicação e dependência total de Deus. Ele mesmo a tem equipado com um

conjunto de talentos e capacidades únicas para exercer um trabalho bem-sucedido juntamente com os homens na salvação de pessoas e erguimento da sociedade. Contudo, o preparo para as múltiplas funções da mulher dentro e fora do lar requer uma educação integral e uma cosmovisão bíblica que as impulsionem ao propósito de sua existência e cumprimento da missão. A escritora clarifica tal necessidade ao pontuar:

Ouvimos muito acerca da educação das mulheres, e esse é um assunto que merece cuidadosa atenção. A mais elevada educação para a mulher encontra-se no cultivo adequado e equilibrado de todos os seus talentos e faculdades. O coração, a mente, o espírito, bem como o ser físico devem ser adequadamente desenvolvidos. (White, 2008, p. 11)

White (2007) destaca que a mulher que utiliza seu tempo e habilidades de forma sábia e dependente de Deus, pode ampliar sua esfera de utilidade e influência no lar e na sociedade permanecendo em seu lugar de igualdade com o homem sem sacrificar suas características distintivas. Suas qualificações para o serviço são pautadas pelo chamado divino e requerem consagração, abnegação e persistência seguindo o exemplo de Cristo.

O Senhor tem uma obra para mulheres, bem como para homens. Elas podem ocupar os seus lugares em Sua obra nesta crise, e Ele obrará por intermédio delas[...] Elas podem fazer em famílias uma obra que os homens não podem fazer, obra que alcança o íntimo da vida. Podem aproximar-se do coração daqueles a quem os homens não podem alcançar. Seu trabalho é necessário. (p. 145)

Diante do exposto, o papel da mulher não pode, de nenhuma maneira, ser diminuído ou desconsiderado. Em verdade, cada uma deve determinar que tipo de influência exercerá na vida e isso dependerá em grande medida da conversão genuína de um coração que se submete à vontade de Deus e a direção de Seu Espírito (WHITE, 2008). Frente a isso, a IASD tem adotado oficialmente uma visão complementar da função da mulher no ministério oferecendo inúmeras oportunidades para treinamento em áreas de liderança, discipulado e serviço considerando suas potencialidades e características únicas, restringido apenas até aqui sua ordenação ao ministério pastoral (BERTOTTI, 2015).

2 MÉTODO

Visando entender a multiplicidade de perspectivas, optou-se pela metodologia qualitativa que, como conjunto de técnicas interpretativas que busca descrever e traduzir o significado que a pessoa atribui aquilo que lhe acontece (MERRIAM, 2009). Tal abordagem valoriza o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO, 2001, p. 14)

Devido a ausência de estudos anteriores sobre a temática em questão, a abordagem qualitativa foi considerada a mais adequada por concentrar-se na estrutura subjacente da experiência humana (MERRIAM; TISDELL, 2014). Seu paradigma filosófico prevê uma análise interpretativa da realidade com um foco no significado atribuído às experiências compar-



tilhadas por um determinado grupo que vivenciou experiências semelhantes (CRESWELL, 2014; HOLLOWAY, 1997).

Participantes

Dada à natureza do fenômeno de interesse e os objetivos propostos para a investigação, foram consideradas aptas a participar 8 (oito) mulheres que cursavam ou que ainda estavam cursando teologia em faculdades adventistas no Brasil nos últimos 5 anos. As participantes foram escolhidas intencionalmente para este estudo envolvendo indicação em cadeia. Não foram incluídas da pesquisa, mulheres que tenham abandonando ou trancado a matrícula por um período superior a dois anos. A participação voluntária e as informações quanto aos procedimentos foram feitas através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) enviado via meio eletrônico. Considerando a metodologia qualitativa, foram coletadas informações sobre as experiências de um reduzido número de mulheres quanto estudantes de teologia, tendo como referência três faculdades adventistas no Brasil. A média de idade das participantes foi de 23,8 anos. Quanto ao estado civil, 4 (quatro) eram solteiras e 2 (duas) eram casadas. Do grupo de participantes 2 (duas) eram ex-alunas e 6 (seis) eram acadêmicas de teologia.

Instrumento

A definição do instrumento de pesquisa deu-se a partir da elaboração de um roteiro de entrevista semiestruturado, validado por dois especialistas em metodologia qualitativa, e desenvolvido com base nas questões de pesquisa, que continham outras subquestões que foram ajustadas para se levar a um melhor entendimento das experiências vivenciadas pelo grupo investigado. Buscando garantir a privacidade, confidencialidade das participantes, foram utilizados pseudônimos escolhidos pelas próprias participantes durante o processo de coleta de dados que se deu de setembro de 2019 a junho de 2020.

Procedimentos de coleta e análise de dados:

Primeiramente, foram solicitadas respostas escritas por parte das participantes sobre os pontos centrais de suas experiências. Então, foram feitas entrevistas presenciais ou online que foram gravadas e posteriormente transcritas, sendo complementadas por um diário de anotações contendo impressões e reflexões por parte da pesquisadora.

A análise de conteúdo deu-se de forma compreensiva e detalhada. Esta pesquisadora ciente de seu papel em retratar as histórias compartilhadas, concentrou-se em dar especial atenção às declarações mais significantes no ímpeto de descrever o cerne das experiências das participantes (CRESWELL, 2008). Assim, foi deixado de lado qualquer pressuposição de ordem filosófica, religiosa e social que a impedisse de descrever o real significado que

essas mulheres atribuem às suas experiências enquanto estudantes de teologia.

Na fase inicial de codificação, todos os conteúdos receberam igual atenção. Em seguida, foram buscados padrões de variação nas diferentes perspectivas no sentido de fornecer uma descrição detalhada das experiências através de comparação contínua. Por fim, as informações foram reduzidas para melhor estruturação e significação do pensamento que culminou com a identificação dos temas (MERRIAM; TISDELL, 2014). Tão logo foi encontrada saturação de informações, o processo de coleta de dados foi finalizado.

Visando garantir a validade do material coletado, foram considerados os critérios avaliativos primários e secundários conforme proposto por Whittemore, Chase e Mandle (2001) em seu modelo teórico que visam rever o conceito de validade em pesquisa qualitativa. Tais critérios fundamentam-se na seriedade e regularidade no tratamento das informações obtidas ao longo de todas as fases do processo coleta e análise de dados. Com preocupação ética e de rigor metodológico, os seguintes métodos foram utilizados para aferir confiabilidade da pesquisa: triangulação teórica/metodológica, análise e revisão de categorias, checagem pelos participantes e revisão dos pares.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando entender como essas mulheres interpretam suas vivências, constroem seu mundo e atribuem significado à sua experiência, buscou-se analisar o material transcrito tendo como base as declarações mais significativas e os temas recorrentes que sinalizam o ponto de vista central das participantes.

O primeiro grupo de perguntas concentrou-se em compreender o que leva uma mulher a buscar formação para uma área da qual sabe que não irá exercer todas as prerrogativas de seu preparo. No entendimento das participantes, a motivação para estudar teologia reside basicamente em três razões: o desejo de servir, a necessidade de aprofundamento nas questões espirituais e a convicção do chamado divino. Os padrões encontrados nas respostas das participantes descrevem a trajetória que tem início com o interesse nas questões espirituais já na infância e adolescência através de comunhão com Deus e de experiências teórico-práticas em evangelismo, serviço voluntário, liderança e ensino religioso. As participantes descrevem da seguinte maneira:

Eu costumo dizer que, na verdade, foi a teologia que me escolheu. Mas eu me vi muito interessada nesta área por causa do clube de desbravadores. Eles precisavam de uma capelã e me escolheram. Eu logo percebi que eu gostava muito de trabalhar nesta área. Ellen (linhas 9-11)

Eu sempre achei que meu lugar seria dedicar minha vida em função da obra de Deus. Trabalhar unicamente para Ele. Nasceu esse desejo dentro de mim desde os 14 e 15 anos quando já falava para as pessoas sobre Jesus. Laura (linhas 5-7)

As participantes acreditam que Deus chama tanto homens quanto mulheres para Seu serviço, essa escolha não é do indivíduo, sua parte é simplesmente aceitar a Grande Comis-



são (Mateus 28:18-20) em que Cristo seus seguidores a ir a todo mundo e pregar o evangelho fazendo discípulos em resposta ao que foi feito por eles na cruz.

O relato ainda evidencia a necessidade que a mulher percebe de adquirir melhor embasamento teológico que a capacite a compreender, pesquisar e instruir outros sobre as verdades bíblicas. Para a metade das participantes, a capacidade de aprender precede a responsabilidade de ensinar. Aprofundar-se no conhecimento teológico gera autonomia, pois habilita a estudar por si mesma e a melhor compreender questões espirituais para então transmiti-las aos outros. Há um entendimento comum entre essas mulheres de que embora o Espírito Santo seja quem dá poder para cumprir a missão aquele que deseja trabalhar de forma eficiente para Deus necessita de preparo e dedicação nas questões acadêmicas. Assim tal aprofundamento nas questões bíblico-teológicas também propicia melhor capacitação da mulher para o serviço missionário. Hadassa esclarece:

Em 2016, fiz o curso “Estudos em Religião” [...], mas mesmo com todas as orientações, dentro de meu coração só crescia o desejo de aprender mais e me capacitar mais para servir. Eu decidi fazer teologia para crescer em conhecimento, me aprimorar para melhor servir a obra. Meu desejo é dedicar minha vida exclusivamente para a obra missionária. (linhas 11-15)

Na opinião de sete das oito participantes deste estudo, o fator mais determinante pela escolha de cursar teologia reside na convicção pessoal de ter recebido um chamado divino. Para elas, Deus tem um plano especial e nada é por acaso. Esse chamado é confirmado pela providência e cuidado divinos. Elas são enfáticas ao dizer:

O senso de missão e a convicção de que Deus estava me dirigindo para isso, me mostrando que a melhor maneira de servi-Lo, dedicar meus dons e talentos era seguir a direção que claramente estava me sendo apontada por Ele. Não tenho dúvida de que Ele me convocou. Jane (linhas 12-14)

O motivo principal foi o chamado e confirmação de Deus, desde os meus 16 anos de idade, quando eu estudava o Ensino Médio em outro internato. Desde então, Deus conduziu meus passos para a realização desse sonho e aceitei Seu chamado. Sara (linhas 11-13)

Em resposta ao que levou a escolherem estudar teologia em uma instituição adventista, as participantes foram unânimes em declarar que a afinidade religiosa foi um fator determinante. E ao mesmo tempo que evidenciam uma congruência ideológica, há uma clara valorização da importância da fundamentação bíblica para a formação ministerial que se busca alcançar.

Compreendo que a Igreja Adventista tem uma visão muito fiel às Escrituras, por isso escolhi a instituição. Letícia (linhas 8 e 9)

Escolhi essa faculdade por se harmonizar com as Escrituras, transmitindo de forma clara os princípios divinos que nos aproximam e possibilitam conhecer a Deus o mais próximo da maneira que Ele se revela em Sua Palavra. Jane (linhas 7-9)

Eu sou adventista desde os 13 anos de idade e nunca havia estudado a Bíblia da forma como a teologia adventista é apresentada desde o mais simples estudo até às salas de

aula. Foi essa paixão pelo estudo da Bíblia que me fez estudar numa instituição adventista. Hadassa (linhas 17-20)

A segunda questão de pesquisa se centralizou em delinear, as vantagens ou privilégios de se ser uma estudante de teologia. Alguns temas ganharam destaque na narrativa das experiências comuns das participantes. Para elas, estudar teologia é a conquista um sonho há muito almejado e concretizado pelos planos de Deus. Em meio a sorrisos e olhos que brilham, estudar teologia é visto como uma honra sem precedentes. Essas mulheres nutrem a convicção intrínseca de seu chamado que é visto como um privilégio que envolve responsabilidade e senso de propósito. Elas se sentem afortunadas e ao mesmo tempo desafiadas a superar limites. Entendem como um processo de crescimento integral e amadurecimento espiritual.

Eu vejo como algo muito honroso para mim. Às vezes me acho indigna de estar estudando que nem acredito que estou estudando. Parece que estou sonhando. É um privilégio, muito grande, pois sou a única mulher na sala. Laura (linhas 12-14)

A principal alegria é observar o quanto o curso me fez crescer (em todos os aspectos, mental, emocional, espiritual, acadêmico, pessoal) e me aproximar de Cristo. Estudar teologia me traz o privilégio de obter um conhecimento que eu não teria em outras circunstâncias, porém esse privilégio traz consigo mais responsabilidades. Letícia (linhas 27-30)

Outro tema recorrente trata-se da valorização por ser mulher. Ao se sentirem únicas na sala, percebem que são notadas e tratadas com atenção por boa parte de ser colegas e professores. Há uma percepção masculina de que são mais emocionais e sensíveis. Por conseguinte, são descritas algumas atitudes de acolhimento e preocupação por seu bem-estar e adaptação ao ritmo de estudos e à dinâmica do curso. Todavia, passada a fase de novidade a condição de aprendizagem deve ser conquistada no dia a dia como qualquer estudante.

Eu me sinto acolhida e mimada. Eles me mimam muito, me perguntam se está tudo bem, se eu estou entendendo as matérias. Eles acham que eu sou mais sensível. E aí estão sempre preocupados com isso. Ellen (linhas 25-28)

Dentro da sala de aula, tudo é voltado para mim sou o pintinho azul. E tudo que eu faço é percebido [...]. Por um lado, é um privilégio sim, pois alguns professores me valorizam. Por um período, não foi assim, é tudo uma questão de tempo de você conquistar ao seu espaço. Laura (linhas 17-20)

A gente é bem cuidada, mas não sei se seria privilégio, pois conquistamos isso pois hoje não temos muita diferença com os rapazes, somos tratadas por igual. Vejo como privilégio saber que somos as pioneiras desta faculdade. Elisa (linhas 37-39)

Na visão de três participantes, ser equipada para servir pode trazer satisfação e sentido à vida de uma mulher que estuda teologia. Elas argumentam que, uma vez que, Deus não faz diferenciação de gênero, também usa mulheres como instrumentos se elas buscam uma formação teórico-prática para fazer diferença na vida das pessoas, e não somente para galgar um patamar acadêmico.

Deus tem um vasto campo da missão preparado para as mulheres, existem locais,



peessoas, corações e comunidades inteiras em que a visão, foco e carisma de uma mulher usada como instrumento nas mãos de Deus podem ser alcançados. Nesse sentido, quando a mulher tem a oportunidade de se especializar e aprender não somente da teoria da Teologia, mas também a Teologia aplicada faz

A maior alegria é saber que Deus não faz distinção entre homem e mulher, depois é grande o privilégio conhecer melhor a Bíblia, para pregar com mais conteúdo e segurança. Vitória (linhas 23-25)

Na verdade, é mais que um privilégio, é uma tremenda responsabilidade para com Deus que se refletirá em uma missão para com o próximo. Jane (linhas 24 e 25)

Embora cada experiência como estudante de teologia seja distinta, segundo as participantes o que ficou gravado na memória de forma privilegiada foram as experiências teórico-práticas de formação. Tanto as aulas quanto as práticas pastorais receberam igual atenção e destaque nos relatos. O impacto das orientações e ensino ministrado em sala pelos professores e as experiências missionárias com as pessoas trouxeram ganhos e aprendizados altamente relevantes para a vida e formação dessas mulheres.

Inesquecível foi a primeira Semana Santa acompanhada pela Líder responsável pela União. Sempre vou lembrar das práticas e da sala de aula mesmo.” Elisa (linhas 41 e 42)

Embora os momentos em sala de aula tenham sido muito edificantes, as experiências que mais me marcaram no decorrer desses anos foram na prática em contato com as pessoas. Tive a oportunidade de realizar um estágio de curto período no Colégio X, no qual tive a oportunidade de acompanhar o Pastor Escolar da instituição de ensino e também do professor de ensino religioso, durante esse período ao entrar em contato com os alunos pude compreender a necessidade de palavra de Deus na vida das crianças e adolescentes e como minha função seria fundamental nesse processo.” Letícia (linhas 32-38)

Eu vou guardar com carinho as pessoas (professores) que trazem para você o que eles estão passando para os meninos. Por mais que alguns achem que eu não vá ser ordenada, eles me tratam como se fosse me tornar uma pastora mais a frente. Eles não fazem distinção. Quando os professores falam: ‘cuidem das suas esposas’, eles olham para mim e dizem: ‘cuide de seu marido.’ Assim eu me sinto realmente acolhida e aceita. Ellen (linhas 35-39)

As experiências inesquecíveis são às práticas que a gente faz. Por exemplo, a primeira vez que eu saí como teologanda para fazer uma Semana de Oração em uma outra cidade e chegar lá e ficar [...] visitando as pessoas e pregando durante as noites e aí os irmãos olham para você e veem uma mulher. E principalmente quando eu chego em uma igreja tem aquele impacto, os irmãos têm aquele impacto e eles olham para mim e “é essa menina?” Eles me acham muito nova. Aí eles pensam assim, antes de eu começar a pregar: “Será que ela vai dar conta? Mas depois de semana eles dizem: ‘Nossa irmã Deus te usou através do dom de pregar.’ Ou seja, aquelas confirmações fortalecem a gente e que alegram o coração pois a gente entende que você gosta de fazer aquilo, você se sente bem e a igreja está confirmando. E isso é como se fosse uma confirmação de Deus... Cada semana de oração para mim

é muito gratificante, marcante, porque eu percebo assim que é o que realmente gosto de fazer. Laura (linhas 38-49)

Falando a respeito das aulas, houve momentos que desejei que nunca acabassem, aulas de Cristologia, de Evangelhos, eu ouvi dois professores nossos falando de Jesus de uma maneira que nunca vi ninguém falar. Sabe como é seu coração bater mais forte? Seus olhos brilharem como se tivesse descoberto um tesouro? E realmente ali estava o tesouro, o evangelho em pessoa, Jesus Cristo. As aulas de Grego, fazem você olhar para o texto e não simplesmente ficar ali no raso, mas cavar mais fundo. Cada aula tem seu significado. Fora as experiências externas, de gente que você simplesmente acolhe, abraça e consegue sentir Jesus com isso. Parece tão pouco, mas tão profundo cada ato de misericórdia dispensado para os que estão sofrendo. Na capelania do internato, como tenho vivido coisas lindas. meninas que se rendem a Deus através do batismo. Gente que muda de lugar, mas não te esquece, te procura pedindo uma oração, gente que te agradece porque você fez diferença na vida delas. E eu sou grata porque o seminário me proporcionou viver tudo isso. Hadassa (linhas 35-46)

A terceira questão de pesquisa concentrou-se nos principais obstáculos enfrentados por essas mulheres ao longo do curso, sendo classificados respectivamente em três áreas: social, individual e contextual. Os desafios sociais dizem respeito às dificuldades encontradas quanto à falta de entendimento por parte de colegas de classe, membros de igreja e, até mesmo da parte de alguns professores, quanto à utilidade da mulher quanto estudante de teologia. Segundo elas, críticas, observações e questionamentos aconteceram de forma recorrente, principalmente nos anos iniciais do curso e foram consideradas como causa de desconforto, constrangimento e desânimo durante o processo de adaptação estudantil ao ambiente acadêmico. A análise deste conteúdo sugere existência de uma resistência inicial à figura feminina congruente com estudos conduzidos em áreas tradicionalmente dominadas pelo sexo masculino (MORAIS, 2016).

Falando do primeiro ano, foi o momento mais difícil, porque eu sabia o que eu queria, mas como eu era a única mulher (e ainda sou) [...] a nossa igreja vê teologia só para pastor, embora já há muitos anos seja disponibilizada a vaga para mulher, mas a igreja em si não tem um conhecimento assim do que uma mulher pode fazer sem ser pastor, tendo o curso de teologia. Laura (linhas 54-59)

Eu encontrei desafios, pois eu passei por 3 salas de aula diferentes. Eu pego matérias em várias salas e de todas as que passei a que eu fui mais bem recebida é essa em que estou atualmente. É a sala de aula que mais me aceitou. Mas, nas outras duas sempre rola a pergunta: O que você está fazendo aqui? Por que você resolveu fazer teologia? O que você pretende fazer lá na frente? É para ter conhecimento ou você quer mesmo seguir carreira com isso? Eu percebo que alguns professores cobram mais de mim por eu ser mulher. Ellen (linhas 43-48)

No começo, ser uma mulher no meio de tantos homens era um pouco desconfortável. Às vezes distinguiam a gente e tentavam evitar falar algumas coisas porque estávamos ali,



ou usavam a gente em exemplos negativos, ou falavam sobre mulher em geral de uma forma não tão boa [...] Para esclarecer, nós nunca fomos maltratadas, mas estar no meio de um monte de homens é certo que vai haver diferença no tratamento, mas eles se acostumaram com a gente e a gente também se adaptou ao ambiente. Elisa (linhas 64-73)

No começo foi diferente, pois alguns colegas criticavam, outros achavam que estava perdendo tempo, por não haver a ordenação para as mulheres. Porém, conforme os anos foram passando Deus conduziu para que aos poucos os colegas percebessem que existe uma obra do Senhor a ser realizada também pelas mulheres e que nem por isso o trabalho delas ofuscaria o ministério de Deus para os homens [...] No primeiro ano do curso o principal desafio foi a dúvida dos colegas, que comumente dirigiam a seguinte pergunta: “Por que você está cursando Teologia?” E até mesmo alguns professores demonstravam sutilmente certa oposição, porém o principal motivo de ter permanecido, pela graça de Deus, até o final, foi ter plena convicção do chamado de Deus. Sara (linhas 45-56)

A princípio eu senti que os professores estranhavam minha presença, mas os colegas nem tanto. Quanto a mim, fiquei muito à vontade e com o tempo tudo foi se ajustando. Vitória (linhas 35 e 36)

Por algumas vezes enfrentei dificuldades com alguns professores que por vezes colocavam a mim e outra colega em exposição desnecessária. Isso me causou um certo desconforto. Letícia (linhas 53-55)

Estudar em um universo masculino foi algo bem alarmante para mim [...] No início, foi um pouco constrangedor e desafiador pela atitude machista de alguns. Mas, graças a Deus, hoje conquistei o respeito de todos meus colegas, também o carinho e a amizade. Tenho cada um deles como meus irmãos, eles cuidam de mim sempre. São muito especiais para mim. Hadassa (linhas 49-54)

Estes depoimentos sugerem a necessidade de se sensibilizar os membros da comunidade acadêmica e eclesial quanto a necessidade de apoiar mulheres em formação ministerial, evitando qualquer forma de preconceito ou injustiça que são incongruentes com os princípios contidos nas Sagradas Escrituras (Gl. 3,27.28). Tais medidas visam considerar o conselho inspirado:

Cada mulher tem valor inestimável aos olhos do Pai celestial. Ele criou a mulher para ficar ao lado do homem, igual em valor diante de Deus, e associada com ele na obra que lhe foi indicada. O Pai deu Seu Filho unigênito por toda a raça humana, individual e coletivamente, homem e mulher. (WHITE, 2008, p. 46)

Alguns elementos de caráter individual também foram apresentados como desafiadores por parte das participantes por estarem relacionados à gestão do tempo, logística de trabalho-estudo e a necessidade de recursos financeiros para manutenção durante a intensa jornada de estudos e práticas pastorais. As participantes foram enfáticas ao dizer que enfrentaram momentos estressantes, mas que resultaram em oportunidades para amadurecimento e crescimento pessoal e espiritual.

Em um período do curso, tive a necessidade de trabalhar paralelamente aos estudos,

fator que contribuiu muito para o meu desenvolvimento prático, contudo o gerenciamento do tempo foi um dos meus maiores desafios. Sara (linhas 57-60)

Sim, tive muitos desafios, enfrentei dificuldades financeiras e de gestão do tempo, pois precisava dar conta de todas as tarefas acadêmicas e responsabilidades como mãe e principal responsável pela renda familiar. Mas estar na Faculdade foi uma escolha inteiramente divina a qual me rendi por completo. Jane (linhas 52-55)

Outro desafio que eu tenho é conseguir administrar todas as práticas. Isso não é fácil pois todas as mulheres aqui fazem as mesmas práticas dos homens. Ellen (linhas 59-60)

Esses relatos confirmam que independente de gênero, todo estudante em fase de adaptação à rotina universitária necessita de alguma forma de acolhimento para superar suas dificuldades. Parafraseando o filósofo grego Epiteto, pode-se dizer 'que o que importa não é o que nos acontece, e sim a resposta que decidimos dar ao que nos ocorreu.' Assim sendo, os principais mecanismos utilizados pelas estudantes de teologia para lidar com os desafios, de ordem pessoal e social, durante o período de estudos podem ser classificadas respectivamente em: (a) conselhos de pessoas mais experientes, (b) apoio familiar, (c) ajuda de outros estudantes, (d) auxílio divino, (e) diálogo na solução de problemas, (f) atividades de relaxamento mental e (g) tomada de decisão.

Na quarta e última questão de pesquisa, os diálogos concentraram-se nas lições aprendidas e nos conhecimentos adquiridos com as experiências comuns dessas mulheres. De forma recorrente e reflexiva, a dependência de Deus foi pontuada como tarefa primordial dada a natureza das vivências e dos desafios enfrentados pelas estudantes. Segundo as participantes, elas tiveram de aprender desde o começo a exercer a fé confiando no cuidado e provisão divinos. Tal relacionamento de dependência deu a elas convicção, razão de viver e força para superar todos os desafios.

No curso uma lição que aprendi foi a da dependência de Deus. Eu faço dois cursos. Como dou conta e entrego os trabalhos em dia? Eu percebo o desafio e oro muito. Eu digo: ajuda-me Senhor. E quando acordo de manhã, fico com aquela vontade de produzir. Consigo ler 100 e 150 páginas. Quando eu olho, não foi eu, foi Deus quem me capacitou. Laura (linhas 99-102)

A primeira coisa que você aprende ao entrar no SALT é a confiar em Deus, porque a maioria das pessoas que vêm fazer teologia não têm dinheiro. Elas trabalhavam e tiveram de parar para fazer teologia. Então, o primeiro ponto é confiar em Deus, a gente aprende isso claramente. Ellen (linhas 82-85)

Aprendi que Deus também cuida de mim... Se Deus me trouxe até aqui, se Ele me fez aguentar e aprender tanto, Ele vai cumprir o propósito dEle [...], às vezes é tudo muito incerto por eu ser mulher, mas Aquele que convida, paga a conta e assim será. Elisa (linhas 95-98)

Ao cursar teologia aprendi a dependência plena em Deus, a ter maior confiança nas bênçãos que Ele realizaria em minha vida... Sara (linhas 66-67)

Aprendi a aceitar novas ideias quando possuem uma base correta, pois durante o curso muitos de meus pressupostos foram desconstruídos [...]. Mas acredito que a maior lição



tenha sido sobre a dependência de Deus. Letícia (linhas 59-62)

Aprendi que Deus tem muito mais para gente do que imaginamos. Que o estudo sobre Ele é algo magnífico, extenso e recompensador, por isso vamos passar a eternidade estudando. Seu cuidado diário me impressiona, mesmo sem condições financeiras para estar ali, Deus tem me sustentado. Assim, aprendi a amar mais a Jesus, a desejá-lo, a reverenciá-lo, a ter maior prazer em Sua presença e aprender mais. Hadassa (linhas 65-71)

Aprendi que Deus não falha. Não chama ninguém para ficar no meio do caminho. Não quer dizer que tudo vai ser luz e não vamos ter que tomar decisões em meio a trechos escuros da jornada. Provações vêm, porém não faltará alento vindo dEle para continuemos confiando que Ele tem o controle de tudo, embora as adversidades e o adversário queiram nos levar a ver o contrário. Jane (linhas 64-68)

Essas mulheres manifestam uma clara compreensão de sua condição e dependência do poder divino ao lidarem com as adversidades comuns as atividades de formação ministerial. Tal resultado ratifica o papel da religiosidade intrínseca, conforme explicitado pelo modelo teórico de Allport e Ross (1967), como ferramenta de enfrentamento em situações de estresse e sofrimento emocional. Essa religiosidade dá sentido à vida atribuindo valor a tudo quanto que faz e por que se faz. Assim sua resiliência é fundamentada numa experiência pessoal de fé não apenas a nível conceitual, mas de ordem prática.

Outra aprendizagem mencionada pelas participantes, diz respeito à necessidade de se escolher as pessoas certas para receber apoio, seja ele físico, emocional ou espiritual. Elas não menosprezam a necessidade de interação social e reconhecem que sem a família, cônjuges e amigos verdadeiros não poderiam chegar até onde chegaram.

O segundo ponto é escolher bem quem estar do teu lado, a confiar nas pessoas certas. É saber que está no seu lado para te ajudar ou está apenas para ver o que vai acontecer com você. É preciso aprender a se apoiar mais na família, pois o jovem tem a tendência de não querer se apoiar na família por ser careta ou porque acha que a família não é muito estruturada para receber o que ele tem para passar. E isso reforça, pois você precisa aprender a confiar mais em seus familiares para depois confiar em outras pessoas. Ellen (linhas 85-91)

Meus pais nunca acreditaram no meu futuro na teologia, e de certa forma, acho que ainda não acreditam. Meu noivo (que estuda comigo) me apoia, mas sei que no fundo ele dúvida um pouco de que terei oportunidade de trabalho quando me formar. Acontece que eu sei que o mesmo Deus que cuida dele e do futuro dele cuida de mim e do meu. Elisa (linhas 92-95)

Aprendi que vou precisar de alguém que me dê apoio e que me acredite em mim. Não só apoio financeiro, mas orar por você. Meu esposo sempre diz: você vai conseguir! O apoio familiar é muito importante. A gente precisa do apoio da família se você é solteira e de seu esposo se você é casada. Eu preciso de alguém pelo menos uma pessoa para acreditar. Quando você começa a caminhada aqui é muito difícil, mas Deus usa aquela pessoa para te dar uma palavra de animo, uma força e um apoio. Laura (linhas 112-117)

Quando perguntadas se pudessem voltar no tempo teriam tomado a mesma decisão

de estudar teologia, todas as participaram disseram que sim e aproveitaram a oportunidade para pontuar quais foram as lições de crescimento pessoal ganhas ao longo de sua trajetória.

Com certeza, pois sei que todo conhecimento que estou ganhando aqui mesmo que eu não seja aceita no ministério eu vou aplicar na minha vida espiritual e da minha família, em especial meus filhos. Ellen (linhas 102-104)

Sim, porque permaneço com a total convicção de que essa era a vontade de Deus para mim. Também pela experiência vivida durante os quatro anos o que me proporcionou um crescimento em todos os aspectos da vida. Sara (linhas 71-73)

Se eu fosse voltar eu tomaria a mesma decisão. Porque quem eu me tornei e quem eu sou hoje, aquilo de tenho mais forte tarde Deus tem me abençoado muito através do curso. Eu agradeço muito a Ele por isso pelos aprendizados e pela maturidade espiritual com isso. Laura (linhas 104-106)

Teria sim. Estou vivendo uns dos melhores momentos da minha vida, pela sensação de estar realizando um grande sonho. Depois de anos liderando só com a prática, agora tenho também a teoria que eu sempre quis.” Vitória (linhas 53-55)

Claro, pois acredito que por meio do meu exemplo outras meninas foram e serão encorajadas a cursar Teologia. O curso foi uma benção para mim, não somente no crescimento e amadurecimento pessoal, mas também na área espiritual. Letícia (linhas 64-66)

Sobre que conselhos dariam para mulheres que desejam cursar teologia, as respondentes foram enfáticas quanto à necessidade de se ter convicção do chamado divino para o serviço e dentre outros aspectos relevantes para a superação das dificuldades.

Eu daria o mesmo conselho que recebi. O curso de teologia é especial, não é como os outros cursos. Então, para você fazer esse curso precisa ter a convicção de que é isso mesmo que você quer. Deus te chamou, mas é isso mesmo que você quer. Laura (linhas 108-110)

O primeiro conselho é, ter certeza se é isso que Deus quer, porque depois Ele vai te ajudar e abrir todas as portas para você. Segundo conselho, se for isso que você quer corra atrás, não se deixe abater por todos os homens que estão ali na sala de aula ou por todos os professores que podem cobrar mais de você, ou por todas as pessoas que vão olhar para você e achar que você não tem futuro porque na visão deles teologia não serve para mulher. Vai e faça, pois as portas vão se abrir, você vai ver que era isso que você devia ter feito a vida toda. Ellen (linhas 106-112)

Meu conselho é para irem fundo fazerem teologia e outro curso ao mesmo tempo. Pois a sua utilidade pode ser maior. Porque hoje teologia só, não é garantia. Tem que fazer outro curso ao mesmo tempo mesmo que você seja boa na sala de aula. Elisa (linhas 112-114)

Que sigam em frente na sua decisão, pois Deus tem uma obra a ser desempenhada pelas mulheres e que busquem se aconselhar com pessoas sábias nos momentos mais difíceis. Sara (linhas 75 e 76)

Se você sente o desejo de cursar Teologia, ore e tenha certeza do que é a vontade de



Deus. Muitas pessoas podem dizer que não é necessário ou apropriado que uma mulher curse teologia, mas o importante é ter a certeza de que Deus te chamou, se Ele te chamou, Ele vai providenciar tudo. Letícia (linhas 69-72)

Que orem para entender a procedência do desejo. Calculem o valor que será investido, e pensem que depois de tudo elas poderão voltar para casa sem perspectiva de emprego. Depois de avaliar as principais questões, se o desejo permanecer, o próximo passo é lutar sem olhar para trás, porque a convicção do chamado de Deus vale mais que dinheiro ou posições. Vitória (linhas 59-61)

Elas precisam buscar o discernimento entre a vontade humana e o sonho de Deus. Quando entendemos o sonho de Deus não haverá a opção de desistir. Jane (linhas 76 e 77)

É um passo desafiador, um caminho árduo. Existe duas perguntas que sempre respondo como mulher estudando teologia: a primeira é, porque decidi fazer teologia e a segunda é o que vou fazer com a teologia. De alguma forma, uma mulher que faz teologia sente o chamado de Deus para ir mais fundo em sua experiência com Ele e sua missão na Terra. E hoje eu digo de todo meu coração que mesmo em meio aos desafios, vale a pena cada esforço. Não simplesmente pelo que recebemos, mas pelo que podemos dar, do quanto podemos devolver daquilo que Deus nos deu. Podemos devolver para todos ao nosso redor, nossa família, nossos amigos, nossa comunidade, nossa cidade, nosso país, nosso mundo. Podemos ser a extensão da graça de Deus nessa terra, podemos ser um bom perfume de Cristo, podemos fortalecer nossos púlpitos, podemos ajudar nossos irmãos, podemos influenciar e sermos referência para nossos jovens... Hoje não penso muito sobre o que vou fazer com a teologia, mas penso: O será que Deus vai fazer de mim com a teologia? Há uma lista incontável do que podemos fazer, há um mundo inteiro para servir, há gente demais para ser alcançada pela graça. E se você estiver disposta pode ser as mãos, os pés e o abraço de Jesus nessa Terra. Hadassa (linhas 83-97)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever o cerne das experiências de estudantes do sexo feminino em cursos teologia, esta investigação qualitativa explorou o significado atribuído por oito mulheres às vivências em três faculdades adventistas. Os resultados sugerem que elementos socioculturais, contextuais e religiosos tendem a interferir nos comportamentos e nas interpretações do que acontece no cotidiano de mulheres quanto seminaristas do ensino teológico adventista.

As principais motivações apresentadas pelas participantes para estudar teologia foram respectivamente: o desejo de servir a Deus e às pessoas, a necessidade pessoal de aprofundamento nas questões espirituais e a convicção do chamado divino. Para elas, as vantagens de ser uma mulher estudando teologia advêm do privilégio de receber conhecimento, a valorização por ser uma entre muitas, alegria de se sentir um instrumento e as experiências teórico-práticas de formação ministerial.



Por outro lado, alguns desafios de ordem interpessoal foram reportados tais como: falta de entendimento das pessoas de como uma mulher pode ser útil estudando teologia e, as recorrentes críticas à opção de se estudar teologia. A gestão do tempo ligada à logística de trabalho-estudo e a falta de recursos financeiros foram principais dificuldades pessoais enfrentadas por essas mulheres. Os seguintes mecanismos foram utilizados para lidar com esses desafios: (a) conselhos de pessoas mais experientes, (b) apoio familiar, (c) ajuda de outros estudantes, (d) auxílio divino, (e) diálogo na solução de problemas, (f) atividades de relaxamento mental e (g) tomada de decisão.

Dentre todas as aprendizagens oriundas da experiência estudantil, destacam-se o reconhecimento da dependência de Deus em todas as etapas do processo, a necessidade de saber escolher em quem contar e confiar nos momentos de dificuldades e a de saber utilizar cada experiência como uma oportunidade de crescimento e amadurecimento para si e para outros. Por fim, o relato dessas mulheres confirma a convicção do recebimento de um chamando que, embora diferenciado, não representa desmerecimento. Percebe-se que a principal motivação para essas mulheres terem optado por cursar teologia foi a certeza do chamando para o serviço e não necessariamente para uma posição de liderança.

Uma contribuição deste estudo foi revelar a necessidade de se implementar um programa de orientação por parte dos líderes com o corpo de membros da igreja local quanto à utilidade da mulher que se sente chamada por Deus para cursar teologia. E que, mesmo sem ser ordenada, pode ser capacitada e encorajada a prosseguir em sua formação acadêmica para o serviço e salvação de pessoas. Dada a natureza e especificidade da pesquisa qualitativa, existem naturalmente limitações de abrangência ligadas à generalização dos resultados somente a contextos socioculturais e religiosos semelhantes aos descritos neste estudo. Futuras investigações necessitam ser conduzidas no sentido de explorar a percepção de líderes e membros da IASD com respeito à mulheres que decidem cursar teologia, bem como, conduzir um estudo de natureza histórica sobre a presença e impacto de mulheres no Ensino Teológico Adventista no Brasil e em outros países do mundo.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. W.; ROSS, M. J. Personal religious orientation, and prejudice. **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 5, No. 4, 432-443, 1967.

BERTOTTI, F. Influência feminina. **Revista Adventista**, 20 de março de 2015. Disponível em: <<http://www.revistaadventista.com.br/blog/2015/03/20/influencia-feminina/>>

BÍBLIA. Português. In: **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BRASIL. **Senso da educação superior**: notas estatísticas - 2019 Disponível em: <<https://>



download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf>

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. São Paulo: Penso, 2014.

CRESWELL, J. W. **Research design**: qualitative and quantitative approaches. Thousand Oaks, CA: Sage, 2008.

DOTTA, A. G.; TOMAZONI, L. R. **A condição da mulher no espaço educacional brasileiro**: aspectos históricos sociais da trajetória feminina. In: Educação e Interseccionalidades. Curitiba: UFPR, 2018, p. 283-298.

FERNANDES, F. **A história da educação feminina**. Multirio, 07 de março.

FIEDLER, N. R. **The challenge of theological education for women in Malawi**. Studia Historiae Ecclesiasticae, vol XXXV, Supplement, 119-134, 2009.

HOLLOWAY, I. **Basic concepts for qualitative research**. Oxford, UK: Blackwell Science, 1997.

KNIGHT, G. R. **Biblical meaning of ordination** - Dr. G. Knight. Seminary Faculty Speakers - Audio / Video. 139, 2015.

KORANTENG-PIPIM, S. **A closer look at recent reinterpretations of Adventist history**, Part 1, 2015.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research**: a guide to design and implementation. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2009.

MERRIAM, S. B.; TISDELL, E. J. **Qualitative research**: a guide to design and implementation. San Francisco, CA: John Wiley & Sons, 2015.

MILLER, S. H. **The seminary gender gap: why we should be concerned that women remain outnumbered in theological education**. Her.meneutics, Christianity Today', May 23, 2013.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27ed – Petrópolis: Vozes, 2008.

MORAIS, A. **Relações de gênero e a formação de engenheiras e engenheiros**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão: 2016.

OECD. **Education at a glance 2019**: OECD Indicators, Paris, OECD Publishing, 2019.

ONWUEGBUZI, A. J.; LEECH, N. L. **Validity and qualitative research**: an oxymoron? Quality & Quantity International Journal of Methodology, v. 41, n. 2, p. 233-249, 2007.

SCHWARZ, R. W.; GREENLEAF, F. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009. (pp. 464-469)

STAMATTO, M. I. S. **Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil:1549-1910)**. In: História e memória da educação brasileira, Natal. II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002.

WAHLEN, C.; WAHLEN, G. **Ordenação de mulheres**: isso importa? Silver Spring, MD: Bright Shores, 2015.

WHITE, E. G. **Filhas de Deus**: mensagens especiais para as mulheres. Tatuí: Casa Publi-



cadora Brasileira, 2008.

_____. **Beneficência social.** Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITTEMORE, R.; CHASE, S. K.; MANDLE, C. L. **Validity in qualitative research.** Qualitative Health Research, v. 11, n. 4, p. 522-537, July 2001.

VYHMEISTER, N. **Women in ministry: biblical and historical perspectives.** Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1998.